

**A DEMOCRACIA SOBRE DECLIVES
ESCORREGADIOS: UM ENSAIO SOBRE AS RAÍZES
TEMPORAIS DA DESINFORMAÇÃO**
*DEMOCRACY ON SLIPPERY SLOPES: AN ESSAY ON
THE TEMPORAL ROOTS OF DISINFORMATION*

Ernane Salles da Costa Junior¹

UFOP

Rane Ferreira Rios Hollanda Cavalcante de Morais²

PPGD PUC Minas

RESUMO

O presente artigo examina a aceleração social na Modernidade tardia, conceito proposto por Hartmut Rosa, visando entender os desafios apresentados pela disseminação de desinformação sob pressões temporais intensas. Considerando que a interação entre a globalização neoliberal e a revolução digital têm dinamizado a pontos críticos as experiências individuais e sociais, verifica-se um crescente processo de aceleração que afeta significativamente a vida subjetiva e política, causando sobrecarga informacional e desalinhando o tempo democrático e constitucional com a imediatidade das notícias e com a percepção de se viver sobre declives escorregadios. O manejo das *fake news* exige que sejam vistas como sintomas de uma sobrecarga informacional, resultado de uma destemporalização acelerada, de forma que abordá-las meramente como fenômenos isolados da temporalidade social pode levar a esforços legais ineficazes. O texto argumenta pela necessidade de uma regulação que transcenda a resposta adaptativa, abordando as raízes socioeconômicas da desinformação por meio de reformas, incluindo controle estatal dos mercados financeiros e adequação das plataformas digitais às normas democráticas e constitucionais como forma de reestruturação da relação da sociedade com o tempo.

¹ Professor de Filosofia do Direito e Ciência Política da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Pós-doutorado em Direito e Doutorado em Direito pela UFMG, com doutorado sanduíche na EHESS (Paris) e Mestrado em Teoria do Direito pela PUCMINAS.

² Doutoranda em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestra em Teorias do Direito e da Justiça pelo Programa de Pós Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Membro dos grupos de pesquisa filiados ao CNPQ: Direito e Razão Prática e Algotatr.IA, ambos vinculados ao PPGD da PUCMINAS.

PALAVRAS-CHAVE: aceleração; democracia; desinformação; modernidade

ABSTRACT

This article examines social acceleration in late modernity, a concept proposed by Hartmut Rosa, aiming to understand the challenges posed by the dissemination of misinformation under intense temporal pressures. Considering that the interaction between neoliberal globalization and the digital revolution has accelerated critical points in individual and social experiences, a growing process of acceleration is observed, significantly affecting subjective and political lives. This acceleration leads to information overload and disrupts the alignment between democratic and constitutional timeframes with the immediacy of news and the perception of living on slippery slopes. Managing fake news requires viewing them as symptoms of accelerated detemporalization. Treating them merely as isolated phenomena within social temporality can result in ineffective legal efforts. The text argues for regulation that goes beyond adaptive responses, addressing the socio-economic roots of misinformation through reforms, including state control of financial markets and aligning digital platforms with democratic and constitutional norms as a way to restructure society's relationship with time.

KEYWORDS: acceleration; democracy; disinformation; modernity

1. INTRODUÇÃO

A disseminação de *fake news* tornou-se preocupação crescente em todo o mundo, especialmente em razão da facilidade, do volume e da velocidade de compartilhamento de informações nas redes sociais. Diante desse cenário, o presente artigo propõe uma reflexão sobre a relação entre a aceleração social da modernidade tardia e o problema da desinformação, com o objetivo central de compreender como essa dinâmica influencia a produção e propagação dessas notícias, bem como apontar possíveis soluções e ações de combate a esse fenômeno.

A hipótese central que norteia este estudo é que a aceleração social, impulsionada pela revolução digital e pela globalização neoliberal, tem

levado a uma dessincronização entre o tempo da notícia e o tempo da política, favorecendo a disseminação de desinformação e minando a confiança nas instituições democráticas e no projeto constituinte.

Para atingir esse objetivo, o texto está organizado da seguinte forma: inicialmente, será apresentada a modernidade como aceleração social a partir da transformação das estruturas temporais da sociedade. Em seguida, serão abordadas a nova onda de aceleração vivenciada nas últimas décadas e suas implicações para se compreender a sociedade contemporânea e seus desafios. Posteriormente, será discutida a relação entre a aceleração social e a disseminação de *fake news*, bem como as possíveis estratégias para lidar com esse fenômeno.

Espera-se, com isso, oferecer uma contribuição para a análise crítica das leis de aceleração que pressionam às instituições democráticas e constitucionais, demonstrando a necessidade de compreensão da desinformação como fenômeno temporal tardomoderno.

2. A MODERNIDADE COMO ACELERAÇÃO

A noção de que o mundo está mudando rápido e talvez mais rápido do que nunca, parece intuitiva à primeira vista. Essa sensação é frequente em nosso dia a dia e se manifesta na ideia de que nossos celulares se tornam obsoletos cada vez mais rápido, ou de que há uma crescente falta de tempo para realizar as tarefas cotidianas ou ainda, de que as instituições são lentas demais para alcançar o passo das mudanças da sociedade.

Questões dessa natureza parecem simples, mas podem fornecer um amplo quadro de teorização. Ciência, economia e técnica, bem como os

desenvolvimentos desencadeados por elas, teriam se tornado velozes demais para um controle político e jurídico das transformações sociais.

A história da Modernidade é percebida, sobretudo nas sociedades ocidentais, como um contínuo processo de aceleração social: há pelo menos três séculos, está ligada à percepção de uma dinamização progressiva e encurtamento de períodos relacionados a eventos, processos e transformações. Nesse escopo, o moderno remete a um conjunto de instituições, práticas e mentalidades compartilhadas, como os Estados Nacionais, a economia mercantil e industrial, a cultura cientificista e idealista, bem como uma série de impulsos e motivações que envolveram milhões de pessoas ao longo dos últimos séculos, partindo da Europa e alastrando-se pelo mundo. O nacionalismo, o cosmopolitismo, a industrialização, a meritocracia, a competitividade, bem como o cooperativismo, a fraternidade, o valor da autonomia individual e da objetividade científica são alguns exemplos daquilo que a ciência social identificou como ideais fundamentais do tipo moral, epistemológico, estético, social e político relativos ao fenômeno moderno. (ROSA, 2019, posição 100; MONTERO, 2020, p.3)

Diante de tal percepção, Hartmut Rosa (2019) aponta que é possível reconstruir os diagnósticos clássicos da modernidade como diagnósticos da aceleração: Georg Simmel (1973) observa a existência de uma contínua “vida nervosa” na metrópole moderna, Max Weber (2004) analisa a disciplina temporal da ética protestante, em que o desperdício de tempo se torna “o pecado mais grave de todos”, Émile Durkheim (1999) teme que a transformação social abrupta resulte em anomia, Marx e Engels (1998) enunciam que “tudo que é sólido e estabelecido se volatiliza”. Em todas essas formulações a modernidade é descrita como um estado de dinamicidade

ininterrupta. Rosa reconhece que pensadores clássicos da sociologia partem de uma consciência de deslocamento temporal no curso da sociedade, como consequências de processos de modernização - individualização (SIMMEL, 1973), racionalização (WEBER, 2004), diferenciação (DURKHEIM, 1999; LUHMANN, 1995) domesticação (MARX, ENGELS, 1998) - e que por trás das maravilhas do mundo moderno, os indivíduos experimentam sofrimentos como alienação, exploração da natureza ou perda da liberdade e sentido.

Em relação à Simmel, o processo de modernização pode ser assimilado no binômio cidade e campo, no sentido em que a cidade representa a intensificação da vida gerada pela individualização e avançada divisão do trabalho, conquanto o campo representa a vida com ritmo mais lento, repetitivo e de fluxo regular. A individualidade da metrópole é tomada pela atordoante percepção da intensificação da velocidade de processos de trocas sociais, bem como por uma ininterrupta dinamização de todas as relações sociais.

Já em Weber, modernização é sinônimo de racionalização, na medida em que a disciplina e a rigidez passaram a constituir os processos sociais. O processo histórico de racionalização, que afetou a Europa durante os séculos XVIII e XIX, resultou na criação de uma cultura instrumentalizadora, em que a regra de controle da natureza e fenômenos sociais é utilizada para alcançar o máximo de resultados com o mínimo de esforço, ou seja, esse processo constitui um prelúdio para o desenvolvimento de uma sociedade acelerada, em que o modo racional de produção indica que não é permitido perder tempo.

Em Durkheim, a modernidade pode ser assimilada como um processo de diferenciação no interior da própria sociedade, que promove sua

dinamização, fragmentação e aceleração, resultando na condensação das relações sociais. A análise das consequências temporais dessa diferenciação funcional ficou a cargo de Niklas Luhmann, que percebeu a dessincronização das estruturas temporais sistêmicas.

Por fim, em Marx, a sociedade moderna está estruturada no trabalho e, portanto, no controle do homem em relação à natureza. É possível ler, em Marx e Engels (1998), sobre como o mundo é colocado em movimento por meio da lógica do capital e sua reprodução, de forma que a burguesia seja impulsionada a recriar essa sociedade repetidamente até o ponto em que aquilo que é sólido se desmanche no ar. Sem ignorar cada uma dessas categorias, Rosa as compreende como elementos de dinamização da sociedade, de modo que direto ou indiretamente se desenvolvem como processos temporais de aceleração:

O tempo não pode ser colocado conceitualmente ao lado dos fenômenos culturais, estruturais, das relações para com a natureza e para consigo; ele é, isso sim, uma dimensão central e constitutiva dos mesmos, bem como e a aceleração se mostra um aspecto e um elemento de cada um dos quatro desenvolvimentos aqui relacionados (domesticação, racionalização, individualização e diferenciação). Ela parece representar sobretudo um princípio que os une e os impulsiona, embora se mostre ora como causa, ora como consequência das outras tendências modernas. (ROSA, 2019, posição 2571)

A análise de Rosa transcende, portanto, os diagnósticos clássicos ao constituir-se a partir de algo inédito: a aceleração; entendida não apenas como um fenômeno quantitativo, mas qualitativo. As categorias tradicionais de elaboração teórica do processo de modernização são baseadas em padrões

estáticos e temporalmente descontextualizados; insuficientes, portanto, para a reinterpretação pelo paradigma da aceleração social, que ambiciona algo mais abrangente do que aquilo que a diferenciação dessas categorias sugere.

A proposta do autor é construir uma teoria crítica da aceleração que justifique que o fenômeno da modernidade só pode ser concebido com base na modificação das suas bases temporais, seus regimes de produção e consumo, assim como suas consequências para o ritmo de vidas dos sujeitos e para as instituições sociais como um todo.

Tendo em vista que “diagnósticos do presente [*Zeitdiagnosen*] devem ser, literalmente, diagnósticos do tempo” (ROSA, 2019, posição 1113), a modernização não apenas se perfaz *no* tempo, mas também significa uma transformação *do* tempo, suas estruturas e horizontes.

Segundo a proposição de Reinhart Koselleck (2006), o período descrito como “tempo de sela”, entre 1770 e 1830, inaugurou uma transformação fundamental da percepção e da experiência da história, qual seja, a percepção de *estar inserido no tempo*, individual ou coletivamente. Essa temporalização da história dissocia os horizontes temporais de experiência e expectativa:

São duas as determinações temporais que caracterizam a nova experiência de transição: a esperada diferença do futuro e, vinculadamente a isto, a mudança dos ritmos temporais da experiência: a aceleração, através da qual o nosso tempo se distingue dos passados. Humboldt enfatizou isso em sua análise do século XVIII e não foi o único: nossa era parece nos levar de um período que agora termina para um novo, não menos diverso. E o critério dessa mudança está no tempo histórico, que engendra prazos cada vez mais curtos. Pois quem, mesmo que apenas com um mínimo de atenção, comparar o estado atual das coisas com o de quinze ou vinte anos atrás, não poderá deixar de constatar uma discrepância equivalente ao dobro desse

espaço de tempo no início do século. O encurtamento de prazos, que ainda permite uma experiência homogênea, faz parte dos topoi que caracterizam as respectivas atualizações mais recentes da história. (KOSELLECK, 2006, p.314)

Na medida em que aquilo que já se sabe não mais limita aquilo que se espera, há uma diminuição da extensão de espaços de tempo para os quais podemos calcular com alguma constância nossas condições de vida, fenômeno descrito por Hermann Lübbe como contração do presente³ (Lübbe, 2009, p.263), cerne da percepção de uma mudança social acelerada.

Entretanto, é na Modernidade Clássica, cujo marco temporal é o século XVIII, que a roda da aceleração é sobremaneira impulsionada, mantendo-se em marcha até os dias de hoje: desde a introdução da máquina a vapor nas fábricas, a construção de ferrovias, a popularização do acesso às bicicletas, em seguida aos carros e posteriormente aos aviões, a aceleração da comunicação via telégrafos, telefones e por fim a internet, constituíram um conjunto de formas de aceleração tecnológica de transporte, comunicação e produção que modificaram o universo de experiência e a cultura cotidiana de forma por vezes chocante e traumática, levando a uma sensação autotransformadora do estar no tempo e estar no mundo. (ROSA, 2019, posição 2063).

O alto grau de internalização de modelos temporais ocorre mediante um complicado e agressivo processo de reeducação e conformação da disposição dos atores às novas condições estruturais, tal como descrito por E.P.Thompson, em *Tempo, Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial*

³ A noção de contração do presente em Lübbe (2009, p.263) não requer inovações, podendo resultar de manifestações da mudança social acelerada, o que comportaria inclusive retrocessos.

(1998).

Thompson evoca a figura de Gradgrind, personagem de Charles Dickens, como símbolo da transformação interior provocada pela Revolução Industrial: “sempre pronto para pesar e medir cada fardo humano e dizer exatamente o resultado obtido” no “relógio estatístico mortal” em seu observatório, “que media todo segundo com uma batida semelhante a uma pancada seca na tampa do caixão” (DICKENS apud THOMPSON, 1998, p. 303)

Ainda que a formação de um conceito temporal linear e a manutenção da disciplina temporal não sejam exclusividade da Revolução Industrial, é em seu decurso que se dá “o estabelecimento rigoroso, abrangente e socialmente obrigatório de modelos e estruturas temporais elaborados, que seguiram dominando a ordem temporal da sociedade moderna apesar de todas as alternativas de orientação temporal restantes.” (ROSA, 2019, posição 6832).

A rigorosa ordenação temporal viabilizada pela marcação dos relógios mecânicos não necessariamente implica na dinamização do tempo, mas na medida em que propicia uma nova racionalidade e um novo grau de autonomia temporal, fornecem condições essenciais à dinamização e, conseqüentemente, ao maior controle sobre as atividades produtivas fundamentais ao desenvolvimento da técnica bem como à transposição de barreiras físicas essenciais para a aceleração do transporte, da comunicação e a produção. Portanto, a modernidade é um fenômeno em si temporal, resultado de processos de dinamização da sociedade em que as mudanças sociais acontecem em ritmos cada vez maiores, as tecnologias conduzem a formas de comunicação, transportes e produção mais instantâneos e a sensação de falta de tempo torna-se predominante.

Rosa, então, conclui que há não apenas uma aceleração *na* sociedade, mas *da* sociedade (ROSA, 2019, posição 3187), que embora se manifeste em acontecimentos de naturezas distintas, constitui um fenômeno único, ainda que não homogêneo.

3. O QUE, AFINAL, É A ACELERAÇÃO SOCIAL?

Dizer que a aceleração é um processo *da* sociedade e não *na* sociedade implica compreender que não há apenas formas diversas de aceleração, mas que constitui um fenômeno abrangente que, porém, se desenrola de formas distintas. É essa heterogeneidade dentro do mesmo fenômeno que implica a possibilidade de estudá-lo a partir de categorias distinguíveis analítico e empiricamente, quais sejam: a) aceleração técnica, b) aceleração da mudança social, c) aceleração dos ritmos de vida.

A aceleração técnica é a forma mais perceptível de aceleração: é o aumento deliberado das transformações e das velocidades de processos orientados a metas específicas tais como o transporte, comunicação, produção, consumo e circulação. (ROSA, 2019, posição 3044). Essa espécie de aceleração não se restringe à experiência de progresso tecnológico, mas pode ser verificada em qualquer mobilização orientada a diminuir o decurso de tempo necessário à execução de determinada ação. Não é possível precisar o momento exato do surgimento da aceleração técnica, uma vez que os impulsos de inovação, não se distribuíram de maneira uniforme e simultânea nos diversos campos do transporte, comunicação e produção no decorrer da história. É inegável, todavia, que a Revolução Industrial constituiu uma saturação da experiência aceleratória, ao concentrar inovações técnicas

amplamente abrangentes que representaram uma revolução da velocidade em quase todas as esferas da vida humana, (ROSA, 2019, posição 2117) consolidando um processo de transformação do “estar no tempo” e do “estar no mundo”

Devido à aceleração técnica, no entanto, modificou-se fundamentalmente o tipo e a forma do “estar no mundo” das pessoas, ou seja, seu estar no tempo e espaço e suas relações umas com as outras, fato que, por sua vez, revolucionou as formas de interpretação do eu e do mundo e, com isso, influenciou profundamente a configuração da subjetividade e da sociedade.
(ROSA, 2019, posição 3845)

Esse diagnóstico se afasta de qualquer determinismo tecnológico na medida em que reconhece as pré-condições culturais, econômicas e socioestruturais que forjaram a aceleração técnica, o que conduz ao entendimento de que a influência massiva por ela exercida nas formas de subjetividade e coletividade, não a determina. Na história dos transportes por exemplo, desde a sociedade pré-moderna e pré-industrial até a contemporaneidade, é possível detectar facilmente mudanças na velocidade e aceleração da locomoção de pessoas e bens, das viagens a pé às viagens de espaçonave, passando por navios à vapor, bicicletas, ferrovias e automóveis.

Aumentos de velocidade anteriores à mecanização podem ser amplamente registrados desde o século XVII. A expansão das ligações rodoviárias e fluviais elevou o número de unidades de carga transportadas e, ao mesmo tempo, as distâncias pelas quais poderiam ser carregadas.² [...] A velocidade média dos coches particulares nas ruas francesas de 1814 a 1848 mais que duplicou, aumentando de 4,5 para 9,5 km por hora. Na Prússia da mesma época, o tempo gasto pelos correios no trecho de Berlim a Colônia foi reduzido de 130 para 78 horas. [...] Uma trajetória semelhante de velocidade crescente encontramos nas vias

marítimas. Os norte-americanos desenvolveram na primeira década do século XIX o clipper, um veleiro estreito com mastros altos, capaz de percorrer o trecho de Nova York a São Francisco, passando pelo Cabo Horn (19.000 km), gastando não mais os 150 a 190 dias como até então se gastava, mas noventa dias, [...] alcançando uma velocidade que os navios a vapor somente bem mais tarde superariam. Situação parecida podemos observar no setor de transmissão de informação. Antes do estabelecimento da telegrafia elétrica [...] a rede de telégrafos óticos, cuja tradição remonta à Antiguidade, foi desenvolvida à beira da perfeição. A velocidade de transmissão de sinais foi aumentada enormemente, seja por meio do encurtamento da prolixidade dos textos administrativos ou pela construção de sinais que se propagavam de torre a torre. (KOSELLECK, 1999, p.158)

Tal constatação abre espaço para a compreensão de que essas acelerações pré-tecnológicas já favoreciam alguma desvinculação da percepção espacial em relação à percepção temporal e vice-versa. Na medida em que “todo espaço representa uma distância apenas na forma do tempo de que necessitamos para atravessá-lo; ao acelerarmos, reduz-se o próprio espaço em termos de influência sobre a vida e o trânsito.” (KOSELLECK, 1999, p.160) é possível dizer que se instala uma percepção de espaço como uma função do tempo, ou seja, dizer algo como “estou a 20 minutos do aeroporto” ou “Belo Horizonte fica a 9 horas de ônibus ou a 1 hora de vôo de São Paulo” significa que a determinação da localização de alguém se vincula ao horário e que as distâncias percorridas são percebidas pelo tempo despendido nos deslocamentos:

Finalmente, aqueles que voam desvinculam-se completamente do espaço topográfico da vida e da superfície terrestre. Para estes, o espaço se apresenta apenas como distância abstrata e vazia, medida pela duração do voo. O viajante moderno luta contra o relógio para alcançar conexões e cumprir compromissos, não mais contra as adversidades do espaço – também aqui se espelha a inversão da prevalência do espaço para

a prevalência do tempo como dimensão de orientação no que concerne ao planejamento de ações e ao surgimento de imprevistos. Não raro, o espaço passa a ser literalmente uma função do tempo: onde uma pessoa se encontra depende do horário, a definição inversa se tornou, entretantes, obsoleta. (ROSA, 2019, posição 3913)

A perda do significado orientador do espaço também é percebida no âmbito da comunicação, mas com um caráter dinamizador diferente: enquanto uma revolução da mobilidade possibilitou o transporte massivo e mais veloz de bens e pessoas, a revolução da transmissão tem o sentido de reprodução da realidade, dado que lugares e bens podem ser reproduzidos e acessados de qualquer local por meio da virtualização e digitalização, permitindo a descontextualização dos sujeitos comunicantes.

Em seu livro mais recente, *The Uncontrollability of the World* (2020), Rosa aborda o papel essencial das tecnologias e processos de digitalização na transformação das nossas vidas, na medida em que tornaram o mundo e sua representação em nossas consciências, acessível e controlável de maneira sem precedentes na história. Esse fenômeno é resumido pelo autor na seguinte afirmação: “*This world is perceived as only ever being one or two clicks away*”⁴. (ROSA, 2020, posição 2053)

O adensamento de interações comunicacionais é a manifestação mais palpável dessa transformação nas relações sociais ocasionada pela aceleração da comunicação. O número de pessoas com quem um indivíduo estabelecia interações comunicativas era contingenciável tanto em quantidade como em profundidade: a família em casa, os colegas de trabalho, outros

⁴ Este mundo é percebido como estando a apenas um ou dois cliques de distância. (tradução nossa)

moradores da cidade no transporte público, a telefonista, o apresentador do rádio. As tecnologias de comunicação fizeram aumentar não apenas o número, mas também a intensidade e a frequência dessas interações, produzindo o que Kenneth Gergen (2000, p.62) chama de saturação da experiência social. Esse estado de saturação é apreendido por Rosa como uma tensão entre a controlabilidade e incontrolabilidade do mundo:

Não é apenas o conhecimento e as commodities que estão a apenas um clique de distância. Com o pressionar de uma tecla, podemos entrar em contato com todos os nossos entes queridos e não tão queridos; de certa forma, nós os carregamos conosco também. Sem dúvida, em muito pouco tempo, a digitalização revolucionou radicalmente a relação entre controlabilidade e incontrolabilidade.⁵(ROSA, 2020, p.75, tradução nossa)

Os transportes e a comunicação compartilham, portanto, da experiência moderna de fluidificação do regime espaço-temporal, ou seja, não há um simples desaparecimento do espaço, mas um desligamento territorial que permite a existência de uma não-localização.

No tocante à produção, o profundo controle do tempo de trabalho permitiu a diminuição do prazo para transformar matérias-primas em produtos, a rápida conversão de matéria e energia e em alguma medida, a aceleração dos serviços. A aceleração do sistema de processamento material e sua decorrente velocidade de realização do capital instauraram uma sociedade

⁵ “It is not only knowledge and commodities that are just a click away. With the press of a key, we can contact all our loved and less than loved ones; in a way, we carry them on our person, too. Without question, within a very short time, digitalization has radically revolutionized the relation between controllability and uncontrollability.” (ROSA, 2020, p.75)

que opera a contínua substituição de suas estruturas materiais. Bens como roupas, imóveis, eletrodomésticos, instrumentos de trabalho e veículos se tornam rapidamente obsoletos ou desatualizados e a reparação parece uma opção mais custosa economicamente, temporalmente e culturalmente do que a substituição ou descarte. O capitalismo mercantil cumpre sua função de fazer com que os consumidores comprem constantemente novos produtos apenas para ficarem inevitavelmente desapontado por eles, não tanto a ponto de se absterem de comprar mercadorias (em princípio sempre idênticas) por completo, mas de tal forma que, após cada decepção, comprem outras mais novas e “melhores”. (ROSA, 2019, posição 4016; ROSA, 2020, posição 1704)

Conquanto a aceleração técnica pode ser descrita como uma aceleração intencionalmente *na* sociedade, a *aceleração da mudança social* pode ser considerada uma aceleração *da* sociedade, consistente na transformação crescente dos padrões de associação social, das formas de prática e do conteúdo do conhecimento. Em ambos os aspectos, percebe-se a implementação cada vez mais rápida de novos e inéditos arranjos culturais, econômicos e normativos, que expõem a volatilidade das instituições sociais. As atitudes, valores, a moda, os estilos de vida, relações e obrigações sociais, as configurações de grupos, classes, linguagens sociais, práticas e hábitos estão mudando com uma rapidez cada vez maior.

Para organizar analiticamente essa categoria de aceleração, Rosa lança mão do conceito de “contração do presente” de Herman Lübbe, que sustenta que as sociedades ocidentais experimentam uma constante contração do presente como consequência da velocidade acelerada da inovação cultural e social (LÜBBE, 2009). O presente é aquilo que já não se sustenta, ou já não é válido, ou, recorrendo à Koselleck, é o espaço em que coincidem espaços de

experiência e horizontes de expectativas. (KOSELLECK, 1999, p.349) Nesse sentido, a aceleração é um aumento nas taxas de perda de confiança nas experiências e expectativas pela contração dos lapsos de tempo definíveis como o presente.

Um ponto em que se pode verificar empiricamente essa sensação de contração, são as instituições que organizam os processos de produção e reprodução, formadoras das estruturas sociais básicas. Para as sociedades ocidentais, desde a modernidade clássica, essas estruturas incluem essencialmente a família e o trabalho. Tais estruturas se aceleraram e passaram de um ritmo geracional na modernidade clássica a um ritmo intrageracional na modernidade tardia – se a família típica na sociedade agrária tendia a permanecer estável ao longo de séculos e as transições geracionais deixavam intactas suas estruturas, na modernidade tardia os ciclos vitais das famílias duram menos que a vida de um indivíduo. Dito de outro modo, se a estrutura familiar estava organizada em torno de um casal e podia dispersar-se após sua morte, na tardomodernidade eventos como divórcios seguidos de novos casamentos trazem a possibilidade de várias mudanças na estrutura familiar durante o período de vida de um sujeito. (ROSA, 2019, posição 4201)

Da mesma forma, no mundo do trabalho, é possível observar a transição das estruturas ocupacionais: se na modernidade clássica herdava-se a profissão dos pais ou escolhia-se uma única profissão a ser desenvolvida por toda a vida, na modernidade tardia a mudança de profissões, carreiras, empregos e funções muda em ritmo mais rápido do que nas gerações anteriores.

Nesse sentido, a estabilidade das instituições e práticas sociais servem como padrão para medir a aceleração (ou desaceleração) da mudança

social. Um dos diagnósticos dessa medição é a chamada *não contemporaneidade dos contemporâneos*, consequência da dessincronização social que torna o presente encurtado e o passado cada vez mais recente, de forma que as experiências das gerações passadas deixam de constituir aprendizados capazes de orientar as experiências das gerações presentes. Aspectos culturais que eram válidos por muitas décadas, agora são válidos por períodos menores, de forma que as mudanças deixam de ocorrer em diferentes gerações e passam a ocorrer dentro da mesma geração.

O que é válido e aceitável hoje pode deixar de ser assim considerado em um curto espaço de tempo e isso demanda que as pessoas se atualizem com maior frequência.

A necessidade constante de atualização, readaptação, reciclagem ou melhoramento dos indivíduos é, na modernidade tardia, uma condição comportamental para o alcance de opções futuras ou para a manutenção do *status quo*. Flexibilidade, agilidade, *multitasking*, educação e treinamento contínuos e a permanente necessidade de melhorar, constituem o *topoi* da vida laboral e privada na tardomodernidade. As pessoas devem correr sempre mais rápido apenas para manterem-se em seus lugares, evitando a perda de oportunidades e atendendo aos requisitos de sincronização em relação às mudanças no ambiente social, em uma dinâmica que Rosa denomina *declives escorregadios*:

os atores sociais operam sob condições de mudança permanente e multidimensional que fazem da inércia pela não ação ou não decisão algo impossível. Aquele que, em face das permanentemente alteradas condições de ação, não se adapta constantemente ao novo (que, tanto no sentido literal quanto figurado, não atualiza seu hardware e seu software) perde os pré-

requisitos e opções de conexão com o futuro. Isto significa, de um ponto de vista da práxis da vida e das ações: quem não se esforça para se atualizar constantemente se torna anacrônico em sua linguagem, suas roupas, sua agenda, seus conhecimentos sobre o mundo e a sociedade, suas capacidades, seus recursos de lazer, seu seguro previdenciário e seus investimentos etc. (ROSA, 2019, posição 4356)

Verifica-se, portanto, uma lógica de escalonamento da dinamização nas esferas de crescimento, eficiência, inovação científica e tecnológica, bem como na intensificação da vida social e cultural. Apesar de temporária, há uma forma de estabilização dinâmica ⁶que se manifesta na solidificação de estruturas e processos sociais sob uma fachada de altas taxas de mudança social.

A *aceleração do ritmo de vida* representa a reação à rarefação de recursos temporais, o que Rosa define como “o aumento de episódios de ação e experiência por unidade de tempo” (ROSA, 2019, posição 2909). Ela se manifesta “subjetivamente no sentimento de carência de tempo, de pressão temporal, da estressante obrigação de aceleração, além do “medo de não conseguir acompanhar o ritmo” (ROSA, 2019, posição 4858). Há, portanto, a percepção especialmente subjetiva de que o tempo transcorre mais rápido do que em outras épocas.

Objetivamente, Rosa (2019, posição 3008) considera que é possível medir a aceleração do ritmo da vida de duas maneiras. Em primeiro lugar, pode ser medida pela contração no tempo decorrido em episódios

⁶ Estabilização dinâmica é o meio de reprodução e manutenção de uma sociedade moderna, qual seja, uma sociedade sistematicamente disposta ao crescimento, ao adensamento de inovações e à aceleração, como meio de manter e reproduzir sua estrutura. (ROSA, 2019, posição 97)

específicos ou unidades de ação como comer, dormir, falar, caminhar, dado que a aceleração implica que fazemos mais coisas em menos tempo. Parece existir uma tendência a comeremos mais rápido, dormirmos menos ou gastarmos menos tempo falando com nossas famílias do que em comparação a nossos antepassados. Em segundo lugar, essa forma de aceleração consiste em medir a tendência social a comprimir as ações e experiências, ou seja, fazer e experimentar mais em um dado período de tempo mediante a redução das pausas e intervalos ou mediante a realização de várias tarefas simultâneas, como cozinhar, assistir televisão e falar no telefone ao mesmo tempo.

A aceleração do ritmo da vida também se manifesta subjetivamente, na forma de uma discrepância entre o tempo da vida e o tempo do mundo, ou seja, na sensação desconcertante provocada pelo contraste entre a finitude da existência e a infinitude do mundo e de suas possibilidades. Um mundo com mais possibilidades é também um mundo com maior grau de perdas possíveis, de forma que acelerar o ritmo da vida torna-se uma maneira de minimizar essas perdas.

Diante das categorias apresentadas, é possível observar segunda e a terceira categoria de aceleração se relacionam de maneira paradoxal à aceleração técnica: a aceleração técnica, ao reduzir o tempo necessário para desempenhar determinada tarefa, deveria provocar um incremento no tempo livre e conseqüentemente uma redução no ritmo de vida.

Ocorre, entretanto, que o tempo livre que é acrescido pela tecnologia é prontamente preenchido com o aumento do número de tarefas que se espera cumprir por unidade tempo (ROSA, 2019, posição 116). Invenções como as mensagens de texto, o automóvel, a máquina de lavar

roupas poderiam gerar um acréscimo de tempo livre, no entanto, enviamos mensagens em maior volume, percorremos maiores distâncias e lavamos roupas mais frequentemente. Desta forma, as taxas de crescimento excedem as taxas de aceleração e, por essa razão, o tempo se torna cada vez mais escasso, mesmo diante das taxas de aceleração técnica, o que evidencia o caráter cultural da aceleração.

Cada uma das formas de aceleração é impulsionada por um motor diferente: econômico, estrutural e cultural. Esses motores são analiticamente independentes, mas estão empiricamente conectados, trabalhando como forças externas que modelam a estrutura temporal da sociedade moderna.

O *motor econômico* de uma economia capitalista (ROSA, 2019, posição 5969) atua essencialmente operando a aquisição e utilização de vantagens temporais, que se convertem em vantagens competitivas.

No tocante à produção, temporalizar o trabalho é uma maneira direta de diminuir custos e adquirir vantagens concorrenciais e conseqüentemente, se aceleram as transações comerciais e o consumo.

Quanto às inovações, tomar uma vantagem temporal frente aos competidores, seja de processos ou de produtos é essencial para permanecer nas disputas concorrenciais. Ou seja, ainda que irradie sua força de dinamização para várias esferas sociais, o motor econômico é impulsionador, sobretudo, da aceleração técnica.

A lógica social da competitividade, os competidores precisam investir cada vez mais energia para manterem-se competitivos, até o ponto em que a manutenção da competitividade já não constitui um meio para levar uma vida autônoma de acordo com fins autodefinidos, mas se transformou no único objetivo da vida social e individual, de forma que é necessário correr cada vez

mais rápido simplesmente para permanecer no mesmo lugar. Portanto, a aceleração em geral e particularmente a aceleração tecnológica, são consequências lógicas de um mercado competitivo capitalista.

O *motor estrutural da diferenciação funcional* (ROSA, 2019, posição 2334) por sua vez, opera por meio da externalização e temporalização da complexidade, conduzindo a um aumento da velocidade de produção em todos os subsistemas diferenciados como política, ciência, arte ou direito. A detecção desse motor é baseada predominantemente no contexto da teoria dos sistemas de Niklas Luhmann (1995), que aponta que a lógica institucional e estrutural da diferenciação funcional gerou um relevante aumento na complexidade e contingência social, criando uma abundância de opções com as quais não é possível lidar simultaneamente, levando a sociedade a experimentar o tempo na forma de perpétua mudança e aceleração.

O liame entre a teoria dos sistemas de Luhmann e a teoria da aceleração social reside na compreensão de que a complexidade nas sociedades modernas é temporalizada, de forma a permitir que um maior número de opções e relações sejam processadas pelo sequenciamento de decisões, de forma que a necessidade de sincronização e seleção das crescentes opções (futuras) só pode ser satisfeita mediante a aceleração do próprio processamento. A necessidade de sincronização entre esses subsistemas diferenciados revela que o motor estrutural age como acelerador da mudança social.

O *motor cultural* (ROSA, 2019, posição 6282) de um *ethos* da modernidade se apresenta como um ajuste entre tempo do mundo e tempo da vida, de forma que a aceleração se torna um substituto secular para a eternidade (ROSA, 2019, posição 6758). Se a vida secularizada se encerra com

a morte, é necessário concretizar o máximo de possibilidades terrenas, como que para viver várias vidas dentro de uma; o que justificaria a aceleração do ritmo de vida.

A concepção de boa vida consistiria em concretizar o máximo das opções e experiências dentre as muitas possibilidades que o mundo tem para oferecer. Em um contexto em que o mundo sempre parece ter mais para oferecer do que um ser humano possa experimentar na duração de sua vida, acelerar o ritmo dela parece uma saída para esse problema: se dobrarmos a velocidade em que vivemos, se reduzirmos à metade o tempo para executar determinada ação ou alcançar alguma meta, poderemos duplicar a soma da experiência e em consequência, nosso período de vida. Isso quer dizer que seria possível duplicar a quantidade de opções realizadas diante das opções potencialmente realizáveis, em uma dinâmica em que crescimento e aceleração se encontram intimamente entrelaçadas.

Conforme esse raciocínio, se seguirmos aumentando a velocidade da vida, podemos viver múltiplas ou infinitas vidas dentro de uma só vida, realizando todas as opções possíveis no decurso dela e respondendo a um problema: “A promessa eudaemonista da aceleração moderna, portanto, reside na ideia (não expressa) de que a aceleração do “ritmo da vida” é a nossa resposta aos problemas do finito e da morte”.⁷(ROSA, 2016, p.49)

Essa concepção não consegue cumprir tal promessa, uma vez que as mesmas técnicas que nos ajudam a ganhar tempo conduziram a uma explosão das opções que o mundo oferece: não importa o quanto nos

⁷ La promesa eudemonista de la aceleración moderna yace, por lo tanto, en la idea (no expresada) de que la aceleración del “ritmo de vida” es nuestra respuesta a los problemas de lo finito e la muerte” (ROSA, 2016, P.49)

tornamos rápidos, a proporção entre opções realizadas diante daquelas que se perderam não aumenta, mas cai incessantemente. Rosa descreve essa situação com a alegoria da roda de hamster: o apetite do homem moderno pela vida e pelo mundo nunca pode ser satisfeito, ao contrário, sempre se frustra em uma escala cada vez maior. (ROSA, 2019, posição 86)

Essas forças propulsoras identificadas por Rosa mantém a roda da aceleração em marcha desde a modernidade clássica. Elas foram complementadas pela lógica da divisão do trabalho ou diferenciação funcional, que primeiro propiciam e depois requerem velocidades cada vez maiores de processamento social. Entretanto, é necessário salientar que na modernidade tardia a aceleração social se transformou em um sistema que impulsiona a si mesmo e já não necessita de forças propulsoras externas.

As categorias de aceleração sobrecitadas – a aceleração tecnológica, a aceleração da mudança social e aceleração do ritmo de vida – confluíram em um sistema de retroalimentação entrelaçado, que impulsiona a si mesmo de maneira constante. A aceleração técnica, vinculada frequentemente à introdução de tecnologias novas (o trem a vapor, o automóvel, o telegrafo, a internet) quase inevitavelmente provoca uma série de mudanças nas práticas sociais, nas estruturas de comunicação e das formas de vida correspondentes. Por exemplo, as tecnologias de informação e comunicação não apenas aumentaram a velocidade da troca de informações e a virtualizaram processos econômicos e produtivos, mas também estabeleceram novas estruturas ocupacionais, econômicas e comunicativas, inaugurando novos padrões de interação social e novas formas de identidade social. As mudanças velozes no mundo social e tecnológico se convertem em pressão para nos mantermo-nos atualizados, evitarmos a perda de opções

potencialmente valiosas e possibilidades de competição. Esse problema se agrava de modo que, em um mundo de mudanças constantes, se torna cada vez mais difícil poder discernir quais opções são realmente valiosas.

Consequentemente, a mudança social acelerada resultará em um ritmo de vida acelerado, que demandará novas formas de aceleração tecnológica para tornar mais rápido os processos da vida produtiva e cotidiana. Dessa maneira, o ciclo de aceleração terá se tornado um sistema fechado que impulsiona a si mesmo.

Assim, quando no discurso da ciência popular, em consequência da afirmação irrefletida de que na Modernidade mais ou menos “tudo” se tornaria mais rápido, os fenômenos de estresse, agitação intensa e carência de tempo são atribuídos à enorme aceleração técnica de inúmeros processos, que, à primeira vista, parece ser a poderosa mola propulsora da ubíqua aceleração social e cultural, essa atribuição logo se revela uma difundida e sensacionalista falácia. A dinâmica e as pressões temporais da vida social e psíquica das sociedades industrial e pós-industrial, não podem ser deduzidas dos progressos aceleratórios técnicos, estando, em relação a estes, até mesmo em contradição lógica. (ROSA, 2019, p.209-234)

A aceleração social não é um fenômeno homogêneo; alguns processos e instâncias sociais permanecem constantes ou mesmo se desaceleram.

As categorias de desaceleração, porém, não se organizam de maneira equilibrada e paralela às categorias de aceleração. Antes, constituem-se como residuais ou reativas à aceleração social. Tal assimetria estrutural permite que a modernização possa ser corretamente interpretada, em detrimento da desaceleração, como um processo contínuo de movimento e dinamização.

4. A GLOBALIZAÇÃO COMO NOVA ONDA ACELERATÓRIA

A partir dos anos 70, um novo surto aceleratório, com características próprias, transformou o regime espaçotemporal e as formas individuais e coletivas de autorrelação. É por volta da virada para a década de 90, porém, que esse novo impulso aceleratório conquista sua força de penetração na conjuntura de três desenvolvimentos históricos: *a revolução política* - a derrocada da Alemanha Oriental e do regime soviético, abertura política e econômica dos Estados da Europa do Leste; *a revolução digital* - a consolidação das tecnologias de informação e comunicação e sua posterior portabilidade e onipresença, desdobrando-se, então em uma *revolução da mobilidade e*; por fim, *a revolução econômica* - o capitalismo acumulativo pós-fordista. (ROSA, 2019, posição 6208) Tais processos aceleratórios são comumente reunidos sob a palavra *globalização*.

o discurso da globalização é definido exatamente pela observação dos efeitos de tais transformações tecnológico-informacionais, econômicas e políticas das condições sociais desde os fins do século XX. Uma definição dos elementos qualitativamente novos dessas condições só poderia ser satisfatoriamente obtida por meio de uma perspectiva temporal-analítica – porque, e na medida em que, os diagnósticos da globalização não reconhecerem isso, as tentativas de fundamentar uma “nova era” permanecerão insatisfatórias e desnorteantes. (ROSA, 2019, posição 7685)

O que caracteriza a aceleração no mundo globalizado não é a troca ou o movimento de informações, mercadorias, pessoas, ideias ou doenças através de longas distâncias, até porque isso de certa forma caracterizou a sociedade moderna desde pelo menos o século XVIII; o que há de novo é a

sua velocidade e volume, bem como a ausência de resistência com que tais processos podem ocorrer hoje. Transações de longa distância, operações financeiras, transferências de informações agora são digitalizadas ou virtualizadas, reduzindo atrasos e custos. Da mesma forma, houve uma importante diminuição de custos, barreiras e tempo para transportar materialmente bens e pessoas. Esse desembaraço dos entraves para a superação de distâncias resultou em um aumento quantitativo do número de transações globais correspondentes, revelando que o que há de novo na globalização contemporânea é sobretudo o aumento, em múltiplas esferas sociais, da velocidade e intensidade das transações.

Tanto o aumento de velocidade quanto o de intensidade representam, no entanto, nada mais do que processos da aceleração social: aquele compreende a aceleração do transporte e da comunicação, enquanto este, o aumento do número de transações por unidade de tempo. A transformação espaçotemporal qualitativa deixa-se ver, portanto, seja nas análises da globalização como processo, seja em sua definição como novo estado social e, curiosamente, até mesmo em sua concepção como projeto político. Como processo, a globalização pode ser definida, segundo Harvey, como nova etapa ou continuação do aumento da compressão espaçotemporal (timespace compression) ou, segundo Giddens, como a conquista progressiva de um novo nível de distanciamento entre espaço e tempo (time-space distanciation), ou seja, do aumento do alcance espacial e temporal da capacidade de coordenação. (ROSA, 2019, posição 7692).

Mesmo as teorias que indicam uma transformação do regime espaçotemporal não inovam ao diagnosticar o extermínio do espaço pelo tempo, pois isso equivaleria a diagnosticar aceleração, que é característica constitutiva da própria modernidade. Contudo, do final do século XX até o presente momento, a mais recente “onda aceleratória” da Revolução Digital acelerou os fluxos de comunicação e informação devido à introdução de

novas tecnologias computacionais e midiáticas, fazendo emergir “novas estruturas profissionais, novas formas de produção, padrões de comunicação modificados e uma nova etapa da compressão espaçotemporal”. (ROSA, 2019, posição 5713)

Isso remete à noção contemporânea de *infosfera*, o que significa que as tecnologias de informação e comunicação deixaram de ser instrumentos por meio das quais interagimos com o mundo e uns com os outros para tornarem-se forças ambientais, antropológicas, sociais e interpretativas. Essa presença constante da internet no cotidiano das pessoas conduz à colonização de distintas áreas de nossas vidas pelas tecnologias. Segundo Luciano Floridi, em *The 4th Revolution* (2014):

Elas estão criando e moldando nossas realidades intelectuais e físicas, mudando nossa autocompreensão, modificando a forma como nos relacionamos uns com os outros e a nós mesmos e aprimorando a forma como interpretamos o mundo, e tudo isso de forma penetrante, profunda e implacável. (FLORIDI, p.VI, tradução nossa)⁸.

Com isso, uma crescente quantidade de pessoas tem passado um período cada vez maior de tempo conectadas, interagindo digitalmente umas com as outras, em uma infosfera, ambiente que não pode ser classificado como inteiramente virtual e nem inteiramente físico. (FLORIDI, 2014)

Infosfera é um neologismo cunhado nos anos 70. É baseado em “biosfera, um termo que se refere àquela região limitada do

⁸ They are creating and shaping our intellectual and physical realities, changing our self-understanding, modifying how we relate to each other and ourselves, and upgrading how we interpret the world, and all this pervasively, profoundly, and relentlessly. (FLORIDI, p.VI)

nosso planeta que contém vida. É também um conceito que está em rápida evolução. No mínimo, infosfera denota todo o ambiente informacional constituído por todas as entidades informativas, suas propriedades, interações, processos e relações mútuas. É um ambiente comparável, mas diferente do ciberespaço, que é apenas uma de suas sub-regiões, por assim dizer, uma vez que a infosfera também inclui espaços off-line e analógicos de informação. No máximo, infosfera é um conceito que também pode ser utilizado como sinônimo de realidade, uma vez que a interpretamos informacionalmente. Nesse caso, a sugestão é que o que é real é informativo e o que é informativo é real. (FLORIDI, 2014, p.41, tradução nossa)⁹

Sendo assim, a virtualização e digitalização de processos até então materiais somou aos fluxos de bens, fluxos de dados, o que levou à aceleração da produção, da circulação e do consumo, num só tempo. Nesse espaço globalizado de fluxos, as tecnologias de informação e comunicação tornaram-se portáteis, possibilitando um novo patamar de transmissão de informações e dados em tempo real, produzindo um violento impacto aceleratório em quase todos os campos da vida econômica e cotidiana, dando a impressão, com isso, de que somos testemunhas de uma nova e qualitativa revolução de velocidade de tal feita que não apenas o espaço, mas também o tempo tem função de orientação mitigada. Manuel Castells (2002) cunha a expressão “tempo atemporal” para apontar esse fenômeno:

⁹ Infosphere is a neologism coined in the seventies. It is based on ‘biosphere’, a term referring to that limited region on our planet that supports life. It is also a concept that is quickly evolving. Minimally, infosphere denotes the whole informational environment constituted by all informational entities, their properties, interactions, processes, and mutual relations. It is an environment comparable to, but different from, cyberspace, which is only one of its sub-regions, as it were, since the infosphere also includes offline and analogue spaces of information. Maximally, infosphere is a concept that can also be used as synonymous with reality, once we interpret the latter informationally. In this case, the suggestion is that what is real is informational and what is informational is real.

Proponho a ideia de que o tempo atemporal, como categorizo a temporalidade dominante em nossa sociedade, ocorre quando as características de um contexto dado, nesse caso o paradigma informacional e a sociedade em rede, induzem uma perturbação sistêmica na ordem sequencial de fenômenos realizados naquele contexto. Tal perturbação pode assumir a forma de uma compressão da ocorrência de fenômenos, tendo por objetivo a instantaneidade ou, ainda, de uma introdução de descontinuidades aleatórias na sequência. A eliminação do sequenciamento cria um tempo indiferenciado, que é o mesmo que a eternidade. (CASTELLS, 2002, p.464)

;

Na “era da informação” a dissolução de sequências e cronologias, bem como a difusão da simultaneidade, são manifestações da tentativa de, por meio da aceleração, superar a morte ou alcançar a eternidade em vida. A aceleração não constitui apenas uma ameaça da perda de oportunidades e conexões exigíveis pelos imperativos sistêmicos do capital, ela se move em torno também do desejo da riqueza, da plenitude e da felicidade que parecem poder ser medidas por meio da quantidade de experiências acumuladas durante a vida (ROSA, 2016, p.25).

Por isso, a experiência modificada do tempo não ressignifica apenas a forma como experimentamos o espaço, que se encontra hoje reduzido, mas conduz também a redução do próprio tempo. Se o horizonte da vida eterna já não é de fruição e sim de aceleração, “aquele que se torna infinitamente rápido não precisa mais temer a morte como o aniquilador de opções; até a chegada da morte haverá uma quantidade infinita de “ensaios de vida”.” (ROSA, 2019, posição 6497).

Esses múltiplos ensaios de vida só são possíveis por meio do adensamento e dinamização do viver: há uma promessa, pois, de se chegar a

viver uma multiplicidade e vidas dentro de uma única vida. É nesse ponto que também reside um traço distintivo entre a Modernidade Clássica e a Contemporânea, que Rosa denomina Modernidade Tardia: conquanto para os sujeitos modernos acelerar podia implicar no ganho de espaço livre de ação para perseguir um projeto autônomo de vida, para os sujeitos tardomodernos a dinamização da vida se torna um valor em si mesmo: na tardomodernidade “a aceleração não se dá apenas naquilo que os indivíduos fazem e vivenciam, mas também no que eles são.” (ROSA, 2019, p.5300). O tecido social da modernidade, até então estável, é desestabilizado por uma dinamização frenética:

Minha hipótese heurística norteadora é a suposição de que a aceleração social constitutiva da Modernidade ultrapassa um ponto crítico na “Modernidade Tardia”, além do qual não se pode mais preservar a ambição de sincronização da sociedade como um todo e da integração social. (ROSA, 2019, posição 1314)

O processo de aceleração tem mudado o sentido biográfico e o sentido da história coletiva. A modernidade clássica foi inaugurada quando a mudança social se tornou suficientemente rápida para que os atores sociais se dessem conta de que o passado era diferente do presente e o que se podia esperar do futuro também era diferente do presente. Há um processo de temporalização da identidade subjetiva e do projeto político, na medida em que a vida individual e coletiva, que era tida como estática, passa por uma dinamização no sentido de incorporar a mudança. Porém, não se trata apenas de assumir a possibilidade de mudança de rota, mas compreender que essa mudança pode ser direcionada e planejada. A própria história ganha um

sentido temporal.

Não é em vão que a categoria temporal mais importante da Modernidade é o progresso que pode ser entendido, de um lado, como abertura para um futuro luminoso e, de outro, como aceleração do rumo da história pelas próprias mãos humanas num sentido processual. O futuro se abre, mas sobre ele é possível lançar certos vínculos, incorporando-lhe a forma de direcionamento.

A modernidade tardia, ao contrário, se consolida quando a velocidade de mudanças sociais alcança uma velocidade intrageracional de transformação. Nesse mundo hiperacelerado, temos a impressão de que as mudanças são aleatórias, episódicas ou frenéticas em contraste à noção de um progresso ou história dirigida. No lugar de um sentido de orientação no tempo a partir da ideia de construção planejada, o tempo da tardomodernidade é o da onipresença do agora, sem espaço para o valor da experiência e da determinação da expectativa.

5. NOVAS TECNOLOGIAS E ACELERAÇÃO

Embora o discurso de que o avanço das novas tecnologias tem trazido implicações danosas para os caminhos democráticos já tenha se tornado slugar comum na literatura, a relação entre desinformação e a temporalidade tardomoderna ainda carece de análise mais rigorosa. Sem desconsiderar a dimensão intencional e o potencial de manipulação consciente do uso das *fake news* pelas *big techs* em torno de seus interesses econômicos específicos, a proposta que se lança aqui é de explicitar de que modo o pano de fundo compartilhado de percepção social da aceleração contemporânea cria meios que, a um só tempo, favorecem a distorção de conteúdos em prol desses

mesmos interesses e dificultam o seu combate sistemático pelos instrumentos jurídicos que se dispõe.

A tensão entre a interdependência do mundo social com o mundo virtual e a disponibilidade contínua possibilitada pelos dispositivos móveis modificou substancialmente a experiência temporal dos indivíduos e da sociedade, ao permitirem uma comunicação instantânea, uma conectividade permanente e um acesso e produção ilimitados de informações e serviços. Como efeito, o que se verifica não é somente a aniquilação do espaço pelo tempo, definida como característica fundamental da temporalidade moderna por Harvey (1992) no sentido da superação das distâncias em razão da velocidade do transporte e da comunicação desde as origens da revolução industrial, mas também uma aniquilação do próprio tempo, verificada na “utopicalidade” da internet em que tudo acontece ao mesmo tempo.

A aceleração produz, com isso, a “destemporalização da vida” percebida num presente contínuo que altera o próprio sentido da notícia, em especial no campo político. O aumento exponencial do seu volume e de sua velocidade da difusão produzem uma aparência de intensificação das mudanças sociais. O termo “aparente” se justifica, na medida em que muitas dessas notícias não constituem acontecimentos que mereceriam devida atenção política. Tudo funciona como um *reality show* dos e das governantes que produz mudança frenética da validade de determinados conhecimentos não apenas pela aceleração dos processos em si, como também pela carga informacional produzida, distribuída e consumida que, muitas das vezes não servem a nenhum entendimento amplo da realidade social (TERUEL; PRIOR, 2021, p. 427).

Há uma dessincronização entre o tempo da notícia e o tempo da

política. De um lado, a exigência de produção de conteúdos ilimitados e em tempo real marca a velocidade e imediatividade da notícia e, de outro, a política opera dentro de uma longa duração de produção de seus sentidos numa lógica de deliberação que tem uma dimensão processual e coletiva que exige tempo. Ao contrário de conduzir necessariamente a uma sociedade mais informada e, portanto, mais apta a refletir e deliberar coletivamente sobre as questões normativas que lhe tocam, o ritmo frenético das notícias incita a desorientação informacional e obscurece prioridades a serem perseguidas em termos de direitos e políticas públicas. O paradoxo que aqui se instaura é o de que mais informações pode implicar em menos conhecimento e isso tem implicações danosas para o sentido do espaço público democrático na Modernidade Tardia.

Essa dessincronização entre o tempo da notícia e o tempo da política torna-se mais intensa com a percepção subjetiva, internalizada por regulamentos temporais, de ameaça constante da perda de oportunidades e conhecimentos de um mundo que ficou mais complexo, mais amplo, envolto de transformações reais e aparentes mais rápidas e, por isso, menos suscetível de ser coerentemente compreendido. O ritmo acelerado da produção de informações pelas mídias sociais se contrasta com o medo de estar desatualizado ou desconectado da realidade e com o desejo por vivenciar aceleradamente todas as possibilidades que o mundo oferece. Constata-se uma compulsão adaptativa diante da sensação de se estar constantemente em declive escorregadio, seja porque o conhecimento estabelecido parece incerto e sob ameaça de obsolescência, seja pelo anseio de estar em contínua atualização (ROSA, 2019, p. 268).

O cenário, assim traçado, cria necessidade de atenções

fragmentadas, divididas entre o mundo real e mundo digital, entre as diferentes interações no mundo digital – conversas breves, acesso múltiplo a informações desconectadas umas das outras e fontes distintas de entretenimento, tudo de modo simultâneo. A dificuldade de manter o foco reforça a sensação de se operar entre e nesses mundos de maneira tão fluida e desordenada a ponto de reforçar o sentimento de se estar perdido. Soma-se aqui a proliferação maior e mais rápida de notícias, pelas redes sociais, que implica a perda da consciência em relação aos eventos, considerando o acúmulo de informações ao longo de um único dia.

Tudo isso cria um ambiente em que a desinformação não somente pode ser difundida de modo mais rápido como se encontra mais suscetível de apreensão social. A mudança dinamizada de foco de tarefa diante de processos cada vez mais comuns de multitarefas conduz a uma atenção parcial contínua que exige pouca capacidade cognitiva. A interrupção frequente do fluxo da leitura ou a leitura apenas de trechos da notícia emerge como sintomas desse ambiente. Pois bem, o impulso permanente para não se perder informações e oportunidades e a difícil tarefa de se ter acesso ao evento comprometem o tempo necessário para um entendimento aprofundado e a capacidade de análise crítica. Articulada com a sensação subjetiva de escassez temporal como aceleração do ritmo de vida, a notícia tende a ser recebida de forma passiva, sem que haja tempo livre de confirmação de certas informações que poderiam ser checadas. Isso conduz as pessoas a buscarem fontes que ofereçam informações rápidas e simplificadas que reforcem as inclinações ideológicas de quem as recebe. Amplamente debatidas nos estudos sobre desinformação (PARISI, 2011, p.7), a manipulação algorítmica e as bolhas informacionais emergem de um cenário marcado pela economia de atenção, pela percepção

subjetiva de escassez temporal e pela poluição informacional.

Ora, o sentido de sequência ou apreensão lógica entre passado, presente e futuro, essenciais para a inteligibilidade dos acontecimentos e da própria orientação do sentido político, dá lugar a um presente contínuo e imediato que provoca um encurtamento da memória. No caso das notícias proliferadas no ambiente digital, os rastros de memória se apagam tão rapidamente porque a experiência é geralmente descontextualizada (ROSA, 2019, p. 288). Descontextualizada, porque as informações tendem a ser consumidas, nos dispositivos móveis, de modo aleatório e descontínuo, o que produz uma desintegração e atomização do real, favorecendo a superficialidade da reflexão e a alienação (TERUEL; PRIOR, 2021, p. 432). Há, pois, uma modificação no processo de se informar que não mais depende de um ambiente espacial e temporalmente propício à leitura do acontecimento – pode-se ler a notícia em qualquer lugar e em qualquer tempo – e as informações são apenas absorvidas, no presente em que se informa, sem que haja relações com os eventos correlatos e que precederam a notícia.

Por isso, o ritmo frenético de conteúdos noticiados gera uma saturação da percepção do destinatário, o que pode ser melhor, entendido, na perda do sentido da experiência. Sem que seja possível reorganizar as informações de modo narrativo, as notícias se amparam num estado permanente de fragmentação de sentido. A exposição e a superexposição de pessoas e eventos provoca um processo de aniquilação do fato, na medida em que as notícias excessivamente veiculadas tornam-se inócuas, não provocam nenhum efeito, conduzem ao seu esquecimento (MARCONDES FILHO, 1986, p.21).

A produção acelerada das notícias, a sobrecarga de informações e

sua recepção no presente contínuo, desprovido da perspectiva temporal de duração, diminui a confiança em autoridades estabelecidas para discernir entre o que é verdadeiro ou falso. Considerando que o conteúdo que aparece nas redes é mediado pelos algoritmos, as notícias são direcionadas com base naquilo que os respectivos leitores desejam e não pelo que revela de forma mais fidedigna o factual. Isso ocorre, porque os algoritmos das plataformas digitais, focados em capturar a atenção dos usuários, não se orientam pelo valor da informação fornecida, mas no quanto ela é capaz de manter o usuário engajado na rede. O que se tem hoje denominado de “Era pós-verdade” é um efeito desse regime temporal que significa, segundo o dicionário de Inglês de Oxford, o período no qual os fatos objetivos têm menos peso diante da opinião pública do que narrativas que criem apelos emocionais. O que há de novo, hoje, é a extensão pela qual, no novo cenário da digitalização e interconexão global, a emoção está recuperando sua primazia, e a verdade, batendo em retirada (D’ANCONA, 2018, p.41).

Por isso, a eficácia das *fake news* depende de um ambiente propício à mobilização de afetos capaz de produzir sua adesão irrefletida. Num contexto em que a vulnerabilidade social se acentua, resultado das reformas neoliberais que suprimem direitos fundamentais e bloqueiam possibilidades de temporalização da vida subjetiva e do projeto constitucional diante de um futuro incerto e insuscetível de ser planejado, o medo de não ser suficientemente produtivo ou competitivo se impõe como afeto dominante. A sensação de viver sobre declives escorregadios não está apenas na pressão temporal de se manter atualizado e informado, mas também na sensação de estresse e ansiedade para manter o passo segundo a lei da aceleração, compreendida na lógica do aumento e da competitividade. O discurso

neoliberal do empreendedorismo individual interconecta com às políticas de austeridade e a culpabilização sem perdão dos indivíduos que foram derrotados na corrida aceleratória, o que produz uma grande massa de “derrotados” e “vencedores”, estressados, adoecidos, precarizados, subempregados e desempregados (ENGLANDER, 2023, p. 13). Subordinada à rígidas normas temporais, essa grande massa está submetida ao medo e à ansiedade, afetos que podem ser manipulados por *fake news* que prometem soluções simples para problemas sociais e jurídicos complexos.

A naturalização das normas temporais da Modernidade tardia reforça a legitimação da desigualdade social, a autovalorização egóica sob parâmetros meritocráticos e descola o sujeito de qualquer pertencimento coletivo, baseado na solidariedade e em projetos comuns como o que se pretende na ideia integradora de uma Constituição e a proposta emancipatória que ela engendra. Diante de um mundo hiperacelerado, a desinformação atua como um mecanismo de reforço da ameaça, oferecendo bodes expiatórios ou teorias da conspiração que procuram explicar as dificuldades sociais e econômicas como resultado de políticas de inclusão social ou ações mal intencionadas dos “outros”, no lugar de explicitar as falhas sistêmicas do próprio capitalismo financeiro.

Ademais, notícias que provocam reações emocionais fortes, como medo e raiva, tem maior probabilidade de ser disseminadas, considerando a lógica algorítmica que prioriza engajamento, em detrimento da veracidade, como já analisado. Aqueles que se sentem mais vulneráveis estão mais propensos a interagir com e disseminar desinformação, alimentando o ciclo de desinformação e medo. Tudo isso vai na contramão do próprio significado moderno da democracia como construção e deliberação do sentido comum de

um viver junto e do projeto constituinte como realização progressiva de uma comunidade de sujeitos que se compreendem reciprocamente como livres e iguais num processo de aprendizado social. A força do melhor argumento que está na base da promessa democrática não é mais o que decide os rumos do direito, mas o poder dos ressentimentos, das emoções instintivas, das metáforas, dos memes e imagens sugestivas (ROSA, 2022). Imagens são mais rápidas que as palavras e exercem efeitos instantâneos e inconscientes num pano de fundo que democracia e constitucionalismo parecem lentos demais numa sociedade que vivencia sua temporalidade numa síndrome da urgência (COSTA JUNIOR, 2017; COSTA JUNIOR, CATTONI DE OLIVEIRA, 2021).

Democracia e constitucionalismo encontram-se sob o risco de dessincronização de suas temporalidades, marcadas por uma duração significativa, em razão do ritmo acelerado da difusão de desinformação, dos afetos com potencial de desintegração social por elas alimentados e dos imperativos de crescimento e aceleração que ameaçam qualquer assimilação temporalizada de sentidos coletivos sobre o direito em um horizonte de expectativa aberto à emancipação.

Portanto, enfrentar as *fake news* exige entender que elas são um sintoma de uma sobrecarga e contaminação de informações decorrentes de um ambiente de desorientação temporal acelerada. Não apenas a regulação de seus efeitos, mas a compreensão e enfrentamento das suas raízes socioeconômicas são passos essenciais para restaurar a confiança na informação e no projeto constitucional de sociedade.

CONCLUSÃO

O foco principal desse ensaio recaiu sobre a análise da aceleração social na Modernidade tardia, categoria elaborada por Hartmut Rosa, para se pensar os desafios da disseminação da desinformação e sua compreensão adequada num mundo submetido a rigorosas pressões temporais. A articulação entre globalização neoliberal e revolução digital tem impulsionado essa aceleração, criando uma sensação de escassez temporal, uma percepção de níveis frenéticos de transformação social e uma compulsão por eficiência, crescimento e produtividade. A aceleração técnica, social e dos ritmos de vida tem impactado profundamente a forma como vivemos e nos relacionamos, levando a uma sobrecarga informacional e a uma dessincronização entre o tempo de longa duração da democracia e do constitucionalismo, de um lado, e o tempo imediato da notícia e do mercado, de outro, numa sociedade que se encontra sobre declives escorregadios.

Por isso, lidar com as *fake news* requer compreendê-las como sintoma da sobrecarga e da poluição informacionais, resultante de um ambiente de destemporalização frenética. Caso contrário, corre-se o risco de, ao concebê-la como fenômeno isolado da temporalidade social contemporânea, conduzir o direito a uma corrida contra seus efeitos corrosivos, sem a produção de condições efetivas de sua regulação.

Para além de uma regulação adaptativa, que poderia conduzir à compulsão por respostas rápidas reforçando aquilo que se pretende de fato solucionar, verifica-se a necessidade de uma regulação que enfrente não somente os conteúdos da desinformação, mas as raízes socioeconômicas por meio de reformas que impliquem a desnaturalização da “lei do crescimento”, incluindo o controle estatal dos mercados financeiros e a submissão das

plataformas digitais às promessas normativas da democracia e do constitucionalismo. Não há soluções simples, mas uma alternativa viável é criar condições normativas que permitam a reorganização da relação contemporânea da sociedade com o tempo, bloqueando os excessos de aceleração e reconstruindo a capacidade das pessoas de se reapropriarem do mundo.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Vol. I, A Sociedade em Rede. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

COSTA JUNIOR, Ernane Salles da. *Constitucionalismo do atraso*. Belo Horizonte: D'Plácido, 2017.

COSTA JUNIOR, Ernane Salles da; CATTONI DE OLIVEIRA, Marcelo Andrade. Tempo da Constituição e Ponte para o Futuro: uma análise a partir da teoria crítica da aceleração social. *Revista Direito e Práxis*, v. 12, p. 197-236, 2021.

D'ANCONA, Matthew. *Pós-verdade*. Barueri: Foro Editorial, 2018.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Trad. Eduardo Brandão - 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ENGLANDER, Alexander David Anton Couto. *Luta de Classes, ética do trabalho e construção do bem comum: ressitando a centralidade da categoria trabalho na teoria sociológica*. 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.7030. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/7030>. Acesso em: 10 mar. 2024.

FERRAZ FILHO, Luiz Augusto Firmo. O Mundo Líquido: o capitalismo moderno como fator causador da nova era líquido digital. *Caderno de Relações*

Internacionais, v. 4, n. 6, 2013.

FLORIDI, Luciano. *The Fourth Revolution*. OUP Oxford. Edição do Kindle, 2014.

HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. 12. São Paulo, SP: Edições Loyola. 1992.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição a patogênese do mundo burguês*. Contraponto, 1999.

LÜBBE, H. The contraction of the present. In: ROSA, H.; SCHEUERMAN, W. (Org.). *Highspeed society: social acceleration, power and modernity*. University Park: The Pennsylvania State University Press, 2009. Hartmut. Alienación y aceleración: hacia una teoría crítica de la temporalidad en la modernidad tardía. Vol. 2047. Katz Editores, 2016. 109.

LUCAS, Doglas Cesar; CASSIONATO, Fernando César Lopes. O FECHAMENTO DE FRONTEIRAS DURANTE A PANDEMIA POR COVID-19: A DISCRICIONARIEDADE ADMINSTRATIVA FRENTE AOS DIREITOS HUMANOS NA MODERNIDADE LÍQUIDA DE BAUMAN. *Caderno de Relações Internacionais*, v. 13, n. 25, 2022.

LUHMANN, Niklas. *Social Systems*. Stanford University Press, 1995.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza*. Ática, São Paulo, 1986

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. Trad. Maria Lúcia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998

MONTERO, Darío. Aceleración social, modernidades múltiples y culturas democráticas. Reexaminando la teoría de la modernidad de Hartmut Rosa. *Cuadernos de Teoría Social*. 2020.

PARISI, Luciana. *Contagious Architecture Computation, Aesthetics and Space*. Cambridge, MA: MIT Press, 2013.

ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2019. Edição do Kindle.

ROSA, Hartmut. *Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna*. Editora Vozes, 2022.

ROSA, Hartmut. *The Uncontrollability of the World*. Cambridge: Polity Press, 2020. Edição do Kindle.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Guilherme Otávio. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

TERUEL, Caio; PRIOR, Helder. O jornalismo em face da aceleração social do tempo. *Revista Extraprensa*, v. 14, n. 2, p. 421-437, 2021.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004